

## Existencialismo e real loucura em *Stress*, De Lilia Monplé

Sueli Alves dos Santos

“Entro na noite como um vagabundo furtivo  
com bilhete de Segunda classe numa  
carruagem de primeira,  
passageiro clandestino dos meus desânimos...”  
(António Lobo Antunes, em *Os cus de Judas*)

O título atribuído a esta comunicação “Existencialismo e real loucura em *Stress*”, foi-nos suscitado ao observarmos no conto moçambicano *Stress*, a presença de conflitos existenciais nos principais personagens ao longo do enredo e, em um deles, o conflito culminando com um ato de insanidade. Assim, vejamos: o narrador, utilizando-se de personagens não nomeados, apresenta a primeira como *a amante do major-general*, em seguida o segundo como *o homem* (aquele que *a amante do major-general*, designa como “bêbado”) e que, posteriormente, será o *professor*. Logo após, sem muita ênfase, *o major-general* e, por fim, *a mulher do professor*.

Esta não nomeação de personagens faz-nos lembrar José Saramago em *O ensaio sobre a cegueira*. Romance em que o escritor se utiliza desse estilo para assinalar seus personagens e a condução do enredo se dá por meio da metáfora da cegueira como um todo para construção do sentido da palavra. Em *Stress*, essa construção permite que se trace paralelos entre a designação dada às personagens e os

conflitos que a mesma sugere, desembocando no sugestivo título que marcará o núcleo central da história.

História que trata aspectos subjetivamente enfocados, tais como: existencialismo, guerra colonial e questões sócio-culturais moçambicanas. Desse modo, acreditamos que Lilia Monplé, consciente de toda essa problemática, entrega a escrita como instrumento de valor para, em forma ficcional, trazer à tona temas de interesse geral. Nessa conjectura, as reflexões tecidas por Edward W.Said, conduzem a esse aforismo, revelando o comprometimento dos escritores entre o universo particular e o coletivo. É ele quem afirma

Não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus. (SAID, 1995, p. 23)

Assim considerando, partimos para o conto, cuja descrição inicial focada na *mulher do major-general* e seu olhar atento ao homem sentado na varanda indiferente a ela, não permite de imediato que se tenha uma noção real do que essa “inocente” referência quer de fato traduzir e terá como desfecho. Fica, portanto, o detalhe que só será completamente apreendido no fim, uma vez que a construção do texto é feita de vários detalhes que se correspondem e entrelaçam, perpassando ao conto um toque novelístico, ou ainda, a densidade característica de um romance do século XIX, conforme se observa no seguinte recorte: “O mesmo olhar que um dia, num futuro não muito distante, sentado no banco dos réus, ele irá captar e o levará a inter-

rogar-se, cheio de perplexidade, “porque me odeia tanto esta mulher que mal conheço?”. Esta mulher não o odeia como, a princípio, parece. Seu olhar é para aquele homem que, por não percebê-la, faz-se muito mais interessante e desejado: “Ela agradeceu-se logo daquele rosto grave e melancólico, não obstante a extrema juventude dos seus traços”.

O “bêbado” não se encontra inserido no universo daquela mulher revestida de luxúria com muitos adornos para enfeitar uma vida, na verdade, completamente vazia, julgando que esse conjunto proporciona-lhe a disfarçada paz de Cinderela. Ele representa o diferente, o mundo o qual ela se distanciou, mas que, pela imagem dele, a atrai e seduz e de nada adianta o “Ritual a que ela se entrega com o zelo das mulheres que vivem sós e procuram, com a sua aparência cuidada, compensar a solidão, provocando nos outros admiração, invejas e secretos desejos” (MONPLÉ, 2000, p. 126).

Acostumada com esse jogo de sedução e, à medida que se depara com alguém que a ignora, sente a raiva, o desejo e, ao mesmo tempo, a busca do amor de que tanto precisa. À medida que se sente desprezada, e seus dotes físicos e aparência são indiferentes para aquele homem, transforma esse sentimento em vingança. Sentimento que, mesmo sem a plena consciência dele, maldosamente ela realizará sendo a única testemunha do momento de insanidade *do professor*.

A amante do major-general, porém, logo que tiver conhecimento da tragédia, ousando mesmo contrariar o amante, apresentar-se-á como a testemunha de acusação, aproveitando-se da privilegiada situação de vizi-

nha do réu. E, nessa hora de vingança, incriminará o professor com afirmações temerárias e falsas. (MON-PLÉ, 2000, p. 133)

A personagem *A amante*, remete a lembrança de uma outra personagem famosa na história infantil, e que passou a ser sinônimo, em linguagem psicanalítica, para designar mulheres que sofrem do “complexo de Cinderela”. Essas mulheres acreditam que aparecerá *um príncipe* e este irá salvá-las de todos os seus problemas, possibilitando-lhes proteção, amor, conforto e uma existência feita como num conto de fadas, cujos problemas ficam fora dos muros do castelo, sem afetar em nada aquela *doce e encantadora vida*.

Colette Dowling, em seu *livro Complexo de Cinderel*, retrata com maestria essa problemática no universo feminino, demonstrando que as barreiras à realização plena e a autonomia da mulher são construídas não só pelo homem, mas sim por ela mesma. Assim como a ambivalência inerente, a independência feminina e o conflito entre a necessidade de ser amada e concretizar seus ideais.

Retomando *Stress*, observamos que *a amante do major-general*, pode ser assinalada com essa característica, demonstrando que sua vida sentimental não mudou em função de ter achado o “homem certo”, e o “estilo de vida certo”. É a Cinderela encastelada que julga ter encontrado em seu amante, o príncipe que veio salvá-la de toda uma situação de dificuldades e miséria, colocando-se alijada de uma sociedade na qual ela prefere não se inserir. Sociedade essa, consciente das dificuldades e que na labuta diária, tenta reconstruir-se após a independência de seu país. Sem esquecer seus valores e

tradições, se unem e ajudam mutuamente, preservando o sentido de família, ainda que o peso de tal atitude aponte para o acréscimo das dificuldades, principalmente a da manutenção do clã que se amontoa e não cessa de aumentar.

(...) vivem na miséria, permanentemente preocupados em desenrascar a vida, à custa de expedientes que contrariam a sua vivência de gente pobre mas arreigada a princípios morais herdados de geração em geração. Esses mesmos princípios leva-os a acolher todos os parentes que chegam do mato, aos magotes, fugidos da guerra, trazendo apenas os andrajos que lhes cobrem os corpos estropiados e, nos olhos alucinados, as imagens de horror que os levam a abandonar suas terras. (MONPLÉ, 2000, p. 129).

É exatamente nesse contexto que *a amante do major-general*, prefere não estar, “... ela que, toda a sua vida, nutriu uma instintiva repulsa por gente pobre, incluindo a própria família...” (MONPLÉ, 2000, p. 132). Em sua disfarçada paz, os reflexos da pós-independência parecem não alcançarem seu *flat* e varanda, onde se coloca como “troféu desejável e inacessível, à contemplação de transeuntes e vizinhos”.

Sua tão esperada tarde de domingo, sentido maior de sua absurda existência morna, torna-se o eixo que embala sua vida, na ocupação em vestir-se, maquilar-se e perfumar-se. Estar pronta, enfim, mesmo que por trás de todo esse preparativo, resida a solidão conscientemente sentida e apaziguada por esse fugaz momento, uma vez que seu pensamento referente ao amante e a situação que os envolve, mostra-se nítido: “...é também muito lisonjeiro que este lhe reserve

as tardes e as noites de domingo pois, só em ocasiões excepcionais, ele as passa com a esposa e os filhos. Assim, embora não o ame, trata-o sempre com uma referência atenciosa” (MONPLÉ, 2000, p. 135-6).

A personagem *a mulher do major-general*, remete-nos, ainda, a consagrados personagens da literatura como: *A dama das camélias*, *Madame Ponpadour* e outras encontradas em alguns romances queirosianos. A nota trágica imprimida a essas mulheres é relativamente previsível. Em *Stress*, porém, essa previsibilidade não acontece. É o homem, em nossa opinião, quem rouba a cena e proporciona uma leitura da alma masculina revestida de sensibilidade, angústia e ineficácia diante da impossibilidade em que se encontra para a solução de seus problemas e da própria existência.

O que nos remete ao pensamento de Jean Paul Sartre, em *A náuse* (SARAMAGO, 1995). Livro em que o escritor leva-nos à reflexão acerca da existência humana, o contato diário que cada um tem consigo mesmo no mirar-se e não querer ver o que o espelho revela, por ser talvez “impossível compreender o próprio rosto”, o que faz advir, exatamente, a náusea que comparece em todos os lugares, sendo o sujeito, porém, quem se insere nela como se a conhecesse há muito tempo. Nesse estado, busca encontrar a felicidade “no fundo da poça viçosa, no fundo de nosso tempo”. Dar sentido ao impalpável, deparar-se no abismo existencialista onde construir sonhos a partir daí, torna-se tudo. Perceber que nada muda e cada coisa existe a sua própria maneira, enterrando-se na solidão profunda do

Eu, num abandonar-se à náusea e nesses destroços perceber-se apenas vivo.

Para Sartre, a chave da existência da náusea e da própria vida é o Absurdo. O caráter absoluto do absurdo. A consciência ativa e fundamental pulsando no mundo particular de cada homem, nas circunstâncias que o circundam sem poder fixar esse estado em palavras, por serem essas concretas, e o existencialismo não. “Existir é simplesmente estar presente”, não podendo, apenas, concebê-lo à distância, mas permitir que invada bruscamente e se detenha no fundo do Ser com todo seu peso, o que sem isso não faria sentido. Desse modo, então, *o professor* que se depara no contexto do absurdo, encontra-se a caminho de suas náuseas, na formulação imprecisa do sentido de sua existência.

(...) este sabor a remorso no travo amargo da cerveja que o professor vai bebendo devagar, para a fazer render até o fim do relato. (...) sem estas curtas horas de evasão ao domingo, numa espécie de ritual de que o relato de futebol e a bebida fazem parte, não poderia suportar a monótona correria dos seus dias” (MONPLÉ, 2000, p. 37).

Observamos que esse estado existencialista é agravado pelas condições externas extremamente desfavoráveis a uma situação menos dolorosa para o professor que:

Sabe perfeitamente que amanhã não vai ter dinheiro para comprar os livros escolares e a roupa para os filhos, provavelmente mal poderá alimentá-los (...) Desperta sempre com a sensação de que já está atrasado, arranja-se a correr e a correr engole a chávena de chá quase amargo (o açúcar é caro) e o pedaço de pão seco. Fica-

lhe sempre uma vontade aguda de tomar café que muito aprecia, sobretudo de manhã, mas não pode dar-se a esse luxo. (MONPLÉ, 2000, p. 136-7)

Contexto agravado pelo fato das pessoas rumarem para as cidades em busca de uma vida melhor e a possibilidade de ocuparem as casas nacionalizadas pertencentes antes aos colonizadores que as abandonaram, o que não confere para aqueles que chegam a mesma condição de vida dos que partiram. Pelo contrário, ao verem suas expectativas frustradas, recorrem à ajuda dos parentes, que subjugados ao poder da tradição, os acolhem e, conseqüentemente, avolumam problemas, pois apenas com o salário de um professor moçambicano, a família aumentada mal consegue se manter e alimentar-se dignamente. Assim, *o professor* sofre e, como cidadão, trabalha pesado para o progresso educacional de um país arruinado pela guerra, fome e analfabetismo. Sentindo os reflexos típicos da má remuneração e a falta de perspectiva em vislumbrar um futuro melhor, o que engloba a desvalorização de sua profissão, faz de seus dias uma maratona que lhe consome física e intelectualmente.

Sempre gostou de ensinar e é um dos poucos professores de Escola que seguiu a carreira de docente por vocação. Mas todo o seu entusiasmo inicial se vem desgastando perante turmas de cinquenta alunos, amontoados pelas salas, sem um mínimo de condições para assimilar a matéria. (MONPLÉ, 2000, p. 137).

Nesse quadro bastante realista, seus dias se consomem numa visão nada fantasiosa de uma profissão que, vivida em abnegação, é acompanhada da desilusão que vai se instalando não lhe restando

outra opção que não seja a de vencer cada dia como se estivesse numa verdadeira luta campal.

Quando cerca das 13 horas, as aulas terminam, o professor corre para casa onde o espera o minguado almoço que mal lhe dá forças para preparar as aulas, corrigir exercícios e ainda lecionar no Ensino Nocturno. Finalmente perto da meia-noite, regressa a casa, extenuado e amargo e estatela-se na cama como um ébrio, para no dia seguinte despertar com a eterna sensação de que já está atrasado. E a corrida recomeça, de manhã à noite, inglória corrida que mal dá para a família não morrer de fome, estranha recompensa para tamanho esforço e tantos anos de estudo. (MONPLÉ, 2000, p. 138)

Na revista *Escola*, encontramos uma matéria sobre a carreira do magistério no mundo, com dados sobre a profissão e condições de trabalho em diferentes países e, entre eles, destacamos um do continente africano: – Angola. Podemos perceber que dentre os aspectos abordados, o depoimento de uma docente se coaduna perfeitamente com aqueles que colocamos em epígrafe relacionados ao *o professor*.

Relata a professora Augusta Manuela Kanhanga Francisco:

Até que eu pudesse me dedicar a essa função, foram 18 anos de estudo. Tenho 37 anos e ainda sou aluna. Faço faculdade de ciência da educação, na especialidade de língua portuguesa, a disciplina que leciono. Dou aulas em duas escolas públicas em Luanda (...) em uma delas tenho duas classes de 27 alunos, mas na outra são sete turmas de 66 estudantes. Nenhuma possui biblioteca ou laboratório de ciências e de informática. Minha rotina é pesada. Saio de casa às 7 horas da manhã e volto ao meio-dia para o almoço. Saio novamente às 2 horas da tarde e só volto às 10 da noite. (...) Moro em casa alugada com seis pessoas: três sobrinhas, duas filhas e meu marido. (...) Não temos carro nem computador. O meu rendimento mensal é de 25 mil *kwanzas*, equiva-

lente a cerca de 300 dólares, parte gasta com serviços de saúde, segurança e educação, que não são oferecidos pelo Estado”.

Dessa maneira, podemos estabelecer uma clara relação de igualdade nas condições de trabalho no magistério, em Moçambique ou Angola, sem considerarmos o Brasil, que em muito se assemelha aos países co-irmãos.

Resta-nos, agora, compreender o final que Monplé reservou para *o professor*. Diante da complexidade da qual se compõe o personagem, é possível perceber o porquê de sua atitude com sua mulher.

O que *o professor* e *a amante do major-general* têm em comum são apenas as tardes de domingo, e no reduto de suas varandas entregam-se à abstração (cada um a sua maneira), para continuarem vivendo. Para *o professor*, portanto, esse momento ímpar e sagrado em sua vida, não pode ser invadido por qualquer elemento estranho que lhe furte tamanho deleite. “... ouvir o relato do futebol bebendo cerveja, nas tardes de domingo, constitui para ele o único oásis de despreocupação, no deserto dos seus agitados dias sem perspectiva” (MONPLÉ, 2000, p. 140). Sua mulher, porém, não alcança a dimensão do que isso representa para ele. Invade-lhe o “espaço sagrado”, atormentando-o com reclamações e lamúrias que vão misturando-se ao relato do futebol. *O professor*, tentando manter-se resguardado, fala de si para si “... aqui não, por favor, agora não” com o desejo de que sua mulher entendesse aquilo que ele não exteriorizava.

Mas, o eco de sua vontade efetua-se apenas no plano interno. No limite da capacidade de suportar tamanha invasão, a real loucura emergiu do existencialismo. Age então, como um autômato e lentamente se aproxima da mulher que perplexa não reage, aperta-lhe a garganta até que ela cai morta no chão. Ato consumado retoma a circunstância inicial, ouve o futebol e bebe a cerveja até o fim. Somente depois disso, se dá conta da atitude por ele tomada, pega a mulher nos braços e estende-a na cama do casal. Apresenta-se à polícia que, incrédula, por ser *o professor* um homem pacífico, ouve e questiona a confissão do crime, ao que ele responde: “Não sei...talvez porque eu próprio já não consigo viver (...) tirando do bolso um velho lenço, com o qual tenta ocultar as lágrimas que, teimosamente, lhe brotam dos olhos” (MONPLÉ, 2000, p. 142).

Angustiado pelo ocorrido e na realidade em que agora se encontra, a justificativa para o ato cometido torna-se subjetiva em sua total dimensão. Assim, buscamos a possível explicação para a atitude de *o professor* em *O mal estar na civilização*:

Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude. Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. SIGMUND, [s.d.], p. 96)

Dessa maneira, entendemos que *o professor* precisava daquele isolamento consciente que atuava em sua vida como escudo protetor

do mundo externo, no qual ele precisava estar e atuar. E que, sem o refúgio da quietude, a renovação de sua capacidade de continuar vivendo tornava-se mais árdua ainda, implicando, também, a busca pela felicidade.

Findamos por dizer que em *Stress*, vimos refletidos o existencialismo humano e suas implicações, trazidos pelas personagens não nomeadas e que, em sua rotulação, impregnam toda a complexidade de seu significado. Fica-nos o impacto das grandes obras literárias que se perpetuam por mensagens que envolvem aspectos intrincados de valores históricos, sociais e existenciais.

## Referências Bibliográficas

DOWLING, Colette. Complexo de Cinderela. Tradução: Amarylis Eugênia F. Miazzi. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

MONPLÉ, Lilia. Stress. **In:** Antologia do conto Moçambicano. Lisboa: D. Quixote, 2000.

REVISTA ESCOLA, outubro, Rio de Janeiro: Abril, 2004.

SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995. SARTRE, Jean Paul. A Náusea. Tradução: Rita Braga. Rio de Janeiro: Record, 1995.

SIGMUND, Freud. O mal estar na civilização. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, [s.d.].